

MOSTEIRO DE S. SALVADOR DE PADERNE (ALTO-MINHO)

P.º MANUEL A. BERNARDO PINTOR

MELGAÇO conserva ainda as ruínas de dois mosteiros dos primeiros tempos da nossa nacionalidade, Fiães e Paderne.

De Fiães direi alguma coisa em ocasião oportuna, hoje quero referir-me ao velho mosteiro de Paderne.

Dizem os escritores de antiguidades que este mosteiro foi fundado por uma D. Paterna, viúva de certo conde de Tui chamado Hermenegildo, pais da abadessa D. Elvira que recebeu do nosso primeiro Rei a doação do couto de Paderne em recompensa de ter enviado socorro ao Monarca quando cercava o castelo de Laboreiro, minha terra natal. Diz-se que esta D. Paterna, depois da morte do marido, veio fixar residência nesta terra que era herdade sua e resolveu seguir a vida monástica juntamente com algumas filhas e outras companheiras. Com esse fim mandou edificar uma igreja que estava concluída cerca de 1130 e foi sagrada nesse ano pelo bispo de Tui, D. Paio, que presidiu também à profissão das freiras em 6 de Agosto, dia litúrgico do Divino Salvador a Quem a igreja foi dedicada. Esta D. Paterna morreu em 1140, sucedendo-lhe a referida D. Elvira, sua filha; e a localidade ficou a chamar-se Paderne, que quer dizer *terra de Paterna*, em memória da ilustre possuidora e fundadora do mosteiro (1).

Proponho-me demonstrar que anda errado o que se escreve constantemente a respeito das antiguidades de Paderne, porquanto o seu nome é mais antigo do que se diz e designava uma região mais extensa, vem de um homem e não de uma mulher, e a abadessa D. Elvira a quem D. Afonso Henriques deu o couto não era filha de qualquer Hermenegildo.

Na segunda metade do século XI, já nos aparece um documento a designar *Paderne* como terra de nome feito. Em 1071, D. Urraca, filha de D. Fernando Magno, rei de Leão, e irmã de D. Afonso VI, sogro

(1) P.º António Carvalho da Costa, Fr. Henrique Florez, Pinho Leal, José Augusto Vieira e quantos têm descrito as antiguidades de Paderne.

do nosso conde D. Henrique, fez larga doação à Sé de Tui para favorecer a sua restauração após as ruínas causadas pelas incursões dos inimigos da Fé. Nessa doação inclui-se: "De Monasterio Sancti Pelagii de *Paderni* medietatem, quomodo est per gyrum cum Villa quae vocatur *Prado*, quomodo dividitur per medium alveum *Minei*, cum suis piscariis, & cum suis hominibus, & cum omnibus suis . (1).

Vemos, pois, que já existia a terra de Paderne em 1071 com um mosteiro dedicado a S. Paio.

Pode haver quem julgue ser o mosteiro de S. Salvador de Paderne o mesmo que o antigo de S. Paio de Paderne, tendo havido transferência do mosteiro ou mudança do titular, mas tal não sucedeu. Eram dois mosteiros completamente distintos na mesma terra de Paderne, que coexistiram e a cujos territórios correspondem duas freguesias completamente independentes uma da outra através de todos os tempos (2).

Do mosteiro de S. Paio, que deve ser mais antigo, poucas notícias nos restam. Vimos que a infanta D. Urraca deu metade à Sé de Tui em 1071. Em 1118 D. Onega Fernandes fez à Sé de Tui "kartam donationis de quarta parte ecclesie Sancti Pelagii de *Paterni* ., em reparação pelo sacrilégio de seu filho Paio Dias que não respeitou o lugar sagrado matando um homem na igreja de S. Tiago de Penso (3). Em 1125 D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, confirmou à Sé de Tui a antiga doação ou *testamentum Regis Teodomiri* em que se inclui "Ecclesiam Sancti Pelagii de *Paterni* ., cedendo-lhe, naturalmente, a quarta parte restante (4).

Nestas duas escrituras chama-se a S. Paio *Igreja* em vez de *Mosteiro*, mas os entendidos sabem que estas denominações se equivalem muitas vezes.

Temos ainda notícias do mosteiro de S. Paio no ano de 1156. A diocese de Tui abrangia em Portugal o entre Minho e Lima. No sobre-

(1) *España Sagrada*, XXII-65, e documento completo sob n.º I em apêndice. 245.

(2) Nos limites das freguesias de S. Paio e de S. Salvador de Paderne havia umas povoações meeiras, isto é, que pertenciam ano a uma das freguesias e ano à outra, situação que terminou em 1949 por sentença do Snr. Arcebispo de Braga, que as incorporou definitivamente na freguesia do Salvador de Paderne a que pertenciam civilmente. Eram Sante e Verdelha. Igualmente na mesma altura ficaram definitivamente incluídos na paróquia de S. Martinho de Alvaredo os lugares de Barbeito, Vilar, Granja, Vilar de Cá, Montarrão e Casaltão que eram meeiros entre Paderne e Alvaredo (Boletim Arquidiocesano "Acção Católica ., dezembro de 1949).

(3) *España Sagrada*, XXII-74. Documento completo em *Tuy en la Baja Edad Media* de Mons. Pascual Galindo Romeu (Madrid-1923) — Doc. II em apêndice.

(4) *España Sagrada*, XXII-75/76 e docum. IV em apêndice.

dito ano o bispo D. Isidoro e os cónegos da sua Sé fizeram entre si partilha dos rendimentos eclesiásticos, e na meação dos cónegos ficou "Ultra Mineum in Valadares Monasterium S. Pelagii de Paterni cum omnibus Ecclesiis & pertinentiis suis." (1).

Até quando S. Paio de Paderne foi mosteiro, não sei. É preciso conhecer se bem a engrenagem antiga dos mosteiros para se saber quanto a sua vida dependia dos caprichos de seus *herdeiros* e de quantos deles se amparavam.

Perdura ainda a freguesia de S. Paio que oficialmente não tem outro nome. Muitos lhe chamam de *Melgaço*, em contraposição a *Santa Maria da Porta* da Vila de Melgaço, sendo assim nomeada também em documentos, mas o povo das redondezas ainda lhe chama *S. Paio de Paderne*. A sua igreja, distante da igreja da vila quase três quilómetros, dista menos de um da do Salvador de Paderne.

Convém lembrar que, embora as divisões civis e eclesiásticas se tenham acompanhado, nem sempre se tem correspondido.

Paderne estava na *Terra de Valadares*, concelho extinto há uns cem anos, que no eclesiástico fora um arcediagado com assento na Sé de Tui. Dentro do julgado de Valadares, obedecendo a razões históricas que seria longo expor, formou-se o concelho de Melgaço com fortaleza construída, se não restaurada, por D. Afonso Henriques e foral outorgado pelo mesmo Rei (2). O perímetro atribuído a Melgaço, que não está demarcado no documento, mas devem ter seus fundamentos na étnica e tradição, abrangeu o território de S. Paio de Paderne e ainda do território de S. Salvador de Paderne o que estava fora dos limites consignados na carta de couto outorgada à abadessa D. Elvira em 1141. De S. Paio de Paderne desmembraram-se duas pequenas freguesias: uma é do Prado cujo germe nos aparece já na doação de D. Urraca em 1071 (3), e a outra é Remoães. A igreja de S. Paio, que só vi uma vez em estudante e cuja traça ao tempo não fixei, era *sui generis*. Tinha duas naves, uma das quais mais alta e mais larga, separadas por arcarias longitudinais cada uma com seu altar-mor e sua parte principal de estilo românico com arquivoltas. Dizia-se no povo que a nave menor era a antiga paroquial de Prado.

Por acanhada e insuficiente para a vida da paróquia, foi reconstruída pelo falecido P.^e Raimundo Prieto, seu último Abade colado

(1) *España Sagrada*, XXII — Docum. XIII em apêndice

(2) P. M. H. — *Leges et Consuetudines*, I — 422.

(3) *España Sagrada*, XXII-65, e documento completo sob n.^o I em apêndice, 245.

já adentro da República, que inconscientemente praticou um crime de lesa-arte (1), mas teve o bom gosto de conservar um dos pórticos da frente e o melhor de seus altares de estilo renascença (2).

Que o nome de *Paderne* vem de um homem e não de uma mulher prova-se das referências documentais já citadas. Grande parte dos toponímicos vem do nome em genitivo de antigo possuidor. Se o nome de *Paderne* viesse de uma D. Paterna, os documentos deveriam apresentar esse nome em feminino, que seria *Paternae* em escrita correcta ou *Paterne* em grafia menos erudita. Que observamos, porém? Todas as citações de *Paderne* em documentos conhecidos dos séculos XI a XIII (3) apresentam-nos a palavra terminada em *i*, portanto genitivo do masculino *Paternus*, o que nos indica ter sido esta região propriedade de qualquer D. *Paterno* cuja identificação não poderemos conseguir.

Analisemos ainda a tradição que nos diz ser a abadessa D. Elvira filha de D. Paterna viúva do conde de Tui D. Hermenegildo que alguns dizem ser também conde do Porto (4).

Quanto ao Porto, nos princípios do século XII, era conde de *Portucale* o nosso D. Henrique, marido de D. Teresa, e, quanto a Tui, também não encontro na História qualquer conde ou fidalgo preponderante com o nome de Hermenegildo. Se recuarmos, porém, dois séculos na História, vamos encontrar diversos condes com esse nome. Um é de facto conde de Tui e de *Portucale*, achegado à corte real, avô de S. Rosendo de Celanova (5).

Assistiu em 900 a um concílio em Oviedo juntamente com seu filho Árias, conde de Emínio, e ainda vivia em 914 (6). Outro, neto

(1) Quando se procedeu à Inauguração da nova igreja, tive a confiança de dizer ao P.^a Raimundo: julgo que foi mal feito alagar a velha igreja. Ele teve a franqueza de responder: não é só você a dizer-me isso, mas agora não tem remédio.

(2) A igreja, reconstruída em 1930, foi solenemente inaugurada em 20 de setembro de 1951, se bem me lembro, sendo a parte coral executada por um grupo de seminaristas de que eu fazia parte.

(3) Além dos documentos já citados, veja-se nas Inquirições de 1258 sempre *Paderni*, tanto ao tratar-se do mosteiro do Salvador e da freguesia de S. Paio como ao nomear-se propriedades do mosteiro em outras terras e ao citar-se a presença do Prior do mosteiro na vila de Melgaço e em Paços (P. M. H. — *Inquisitiones I* = Julgado de Valadares — pág. 374/378). Também se lê sempre *Paderni* nos documentos citados nas notas 23, 24 e 25.

(4) Já vi esta referência várias vezes escrita.

(5) L. Gonzaga de Avezedo, *História de Portugal*, II 161.

(6) *Espana Sagrada*, XIX-100 e XXII-59.

deste, é D. Hermenegildo Gonçalves (1), casado com a célebre Mumadona de Guimarães, que faleceu cerca de 950. Um terceiro, contemporâneo deste último, é D. Hermenegildo Aloítis casado com D. Paterna, pais de D. Sisnando, bispo de Iria e S. Tiago de Compostela em cuja diocese fundaram ou pelo menos restauraram o mosteiro de Sobrado que dotaram em 952. Este mosteiro, primitivamente dedicado ao Divino Salvador, era dúplice, com alojamentos para monges de um e de outro sexo. Era estilo da época. Neste mosteiro serviram a Deus os dois fidalgos e seus filhos, o bispo D. Sisnando e o duque (?) D. Rodrigo Mendes casado com D. Elvira Aloítis que foi abadessa do mosteiro (2).

De também o mosteiro de Paderne ser dúplice nos seus princípios, ser dedicado ao Divino Salvador e ter à sua frente em 1141 a abadessa D. Elvira, deveu surgir, em época posterior, a confusão de fazer esta dita abadessa filha de D. Hermenegildo e de D. Paterna.

Que D. Elvira, abadessa de Paderne em 1141, não era filha de qualquer Hermenegildo, bem o demonstra o seu apelido patronímico expresso no documento régio que lhe chama *Dona Ilvira Sarrazeni*. Este apelido *Sarrazeni* indica-nos que o pai da abadessa D. Elvira se chamava Sarraceno ou Sarrazim, nome frequente naquele tempo (3).

Feito, pois, o exame ao que se diz dos princípios do mosteiro do Divino Salvador de Paderne, resta-nos procurar saber qual a verdadeira história da sua fundação.

Não está ao meu fácil alcance revolver a documentação do mosteiro, nem tenho, sequer, conhecimento da que e onde existe. Ao meu dispor estão, apenas, a carta de couto de 1141 e as referências que tenho encontrado aqui e além nas obras que enchem a minha pequena estante de cura da aldeia.

Do contexto do diploma régio quere-me parecer que se trata de fundação recente. Após a usual invocação da Santíssima Trindade, lê-se no documento que *em honra dos gloriosos santos invencíveis e triunfadores S. Salvador, Santa Virgem Maria, S. Miguel Arcanjo, Santos Paio,*

(1) *Corografia Portuguesa*, 1.ª ed. I-4.

(2) *España Sagrada*, XIX-32, 34 e 142. *Los Monjes Españoles en la Edad Media*, de Fr. Justo Perez de Urbel, 2.ª ed. II-291.

(3) A carta de couto vem publicada na íntegra em *Chancelarias Medievais Portuguesas* da Dr.ª Abiiah Elisabeth Reuter, I-148, sob o n.º 106. Em meu poder também uma prova tipográfica corrigida desse documento fornecida pelo Ex.º Sr. Dr. Rui de Azevedo, da Academia Portuguesa da História, que o incluiu sob o n.º 186 no vol. II de *Documentos Medievais Portugueses*.

Justo e Pastor, e outros Santos e Santas Virgens conhecidas se fundou a igreja que chamam de São Salvador de Paderne nas faldas do Monte da Levada, na diocese de Tui e margem do Minho (1). Se se tratasse de um mosteiro conhecido no domínio público, não precisaria de tão detalhada identificação.

O Rei, tomando como pretexto o facto de D. Elvira Sarrazim lhe ter prestado auxílio quando foi tomar o castelo de Laboreiro, exprime claramente a finalidade da doação, qual é provar a sua gratidão à patriótica abadessa e dotar o mosteiro de meios que garantam a sua subsistência e hospedagem dos peregrinos (2). Não andaremos longe da verdade se tomarmos este documento como a primeira dotação do mosteiro de S. Salvador de Paderne.

O mosteiro era dedicado ao Divino Salvador e à Virgem Maria (3). Há uns sete anos vi e fotografei uma velha imagem de pedra, quebrada no pescoço, representando Nossa Senhora com o Menino Deus ao braço, que há pouco havia sido retirada da igreja para a sacristia e que me consta ter sido vendida depois a um anti-quário. Essa imagem deve prender-se com a primitiva dedicação da igreja, pois a posição do Menino era aquela em que se representam as imagens de S. Salvador — uma mão erguida e a outra sustentando uma esfera que representa o mundo. Parece que o povo lhe chamava Santa Rosa (má expressão de *Santa da Rosa* ou *Senhora da Rosa*).

Os limites do couto consignados por D. Afonso Henriques são todos reconhecíveis em nossos dias, excepto o primeiro, *Montezelo*, que poderá ser escrita errada de *Pontizelas* nome de uma casa e quinta antigas e ainda subsistentes (4). Consolidada a divisão paroquial, Paderne abrangeu fora dos limites do seu couto a região da ermida de S. Marcos

(1) "Domini mei invictissimis ac triumphatoribus gloriosisque sanctorum Sancti Salvatoris, Sancte Marie semper Virginis, Sancte Michaëlis Archangeli, et Sanctorum Pelagii, Justini et Pastoris et aliorum sanctorum et sanctarum quorum esse dignoscitur fundata est basilica que vocitatur Sancti Salvatoris de Paterni subtus Mons Levate, territorio tudensis sedis juxta fluvium Minii.."

(2) "Ut habeant inde in vita sancta perseverantem refectionem unde vivant et hospites ac peregrinos recipiant.."

(3) "Facio kartam ad honorem Sancti Salvatoris et Sancte Marie Virginis de monasterio Paterni jam supra nominato. (...) "cauto igitur predictam ecclesiam Sancti Salvatoris et Sancte Marie Virginis.."

(4) "Habeat itaque terminum per Montezello et inde ad portum de Carvalio, deinde sub outeiro de Cabronis, deinde vadit ad Petra Aguta subtus varzena de Sancto Thome inde vadit ad rivulo de Molinus et intrat in Mouro deinde vadit sorsum per ipsum fluvium de Mouro deinde vadit sursum per riale de Fontano Cobo deinde quomodo dividitur per Costa Mala, deinde ad fontem de Seixo et descendit ad fontem de Pezos,

da Várzea, que nas inquirições de 1258 vem incluída no concelho de Melgaço. Essa região (onde desde o século passado se estão explorando as célebres águas minerais do Peso melhor conhecidas por águas de Melgaço), enquanto houve o concelho de Valadares a que pertencia Paderne, esteve no civil sujeita a Melgaço, como se vê, além das inquirições, pela referência do Padre Carvalho da Costa que lhe chama *Juradia da Várzea* (1).

Não era do espírito da Igreja a existência dos mosteiros duplos e por isso urgiu pela sua extinção, o que levou tempo, talvez séculos, a regularizar.

Por determinação superior, por resolução dos *herdeiros*, ou porque a comunidade masculina suplantou a outra, em Paderne ficaram os frades.

Adoptavam a vida dos *Cónegos Regrantes de Santo Agostinho*. O primeiro prior, com o mosteiro ainda dúplice, dizem ter sido D. Ramiro Pais, do que não conheço prova documental (2).

O mais antigo prior de que encontro provas é D. Tomé que em 1225 fez um contrato com o abade de Fiães D. Gonçalo sobre umas propriedades (3). É ele ainda que outorga em documentos de Fiães dos anos de 1233 e 1242 (4). Em 1244 era prior em Paderne D. Paio Martins que fez uma troca de propriedades com o abade de Fiães D. João (5). Vem isto a propósito de o Padre Carvalho da Costa dizer que apenas achou notícia da existência dos frades, sem saber quando terminou a duplicidade do mosteiro, em 1231 sob o governo do prior D. João Pires a quem D. Afonso III confirmou o couto em 1248 (6). o qual mandou construir a actual igreja que foi sagrada em 1264 (7).

A igreja é a que ainda existe. A sua estranha implantação, de uma só nave mas com três capelas absidais, mereceu a especial atenção de Fortunato de Almeida que registou a seguinte particularidade: no

(1) *Corografia Portuguesa*, 1.^a ed. I-335.

(2) *Ibidem*, 1.^a ed. I-292.

(3) *Cartulário de Fiães*, na Biblioteca Pública de Braga, fls 95 v.º.

(4) *Ibidem*, fls. 99 e 91 v.º.

(5) *Ibidem*, 97.

(6) *Corografia Portuguesa*, 1.^a ed. I-292.

(7) *Ibidem*, e *Espania Sagrada*, XXII-148.

deinde descendit ad cabeça de fonte de Cobello et inde ascendit ad ipsum outeiro de Sante et venit ad Cepeda deinde quomodo vadit pera aperta inter Sactum Pelagium et monasterium inde per illam Defessam usque ad pontem de Cotos et descendit per ipsum rivulum inde ad Civitatem inde cautum de Maceira deinde quomodo vadit per illum agrum de Fontania deinde ad Montezello et versum unde prius inchosvimus . .

estranho braço do *transcepto*, que exerce da igreja, abre-se a norte uma porta interessantíssima (1).

Deve ser o templo primitivo, de reduzidas dimensões, que o prior D. João Pires teria o cuidado de conservar apenso à nova construção. A referida porta, de belo e fino românico, nada fica a dever em arte à da nova igreja que foi sagrada pelo bispo de Tui D. Gil, facto de que ficou memória em uma inscrição na frente, junto à porta, à esquerda de quem entra.

DEDICATIO EGIDII EPI ISTA
ECCLESIA ITPE IOHNES
PETRI PRIOR E M CCC II (2).

Este prior D. João Pires é o que nos aparece nas inquirições de 1258, não só no couto de Paderne mas também na vila de Melgaço e na freguesia de Paços que foi pertença do mosteiro até à sua extinção (3).

Na periferia do couto de Paderne, na sua parte montanhosa, com o desenvolvimento de algumas povoações, formaram-se duas pequenas freguesias, uma a de S. Tomé de Couso e outra a de Santa Maria de Cubalhão onde se conserva uma antiga e tosca imagem de pedra que vários autores dizem ser de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços (4), mas que eu já descrevi como de Santa Ana com sua menina Maria Santíssima ao colo, firmando-me na tradição popular (5).

O mosteiro de Paderne foi suprimido juntamente com outros em 1770 por breve do papa Clemente XIV, de 4 de julho (6), e os religiosos foram transferidos para Mafra onde entraram em 30 de abril de 1771, continuando a ser-lhes affectas as rendas de suas casas extintas (7).

(1) *Hist. da Igreja em Portugal*, I-510, nota 2 (1.ª ed.).

(2) Dedicatio Egidii Episcopi ista ecclesia in tempore Johannes Petri Prior Era M.CCC.II. *Espanha Sagrada*, XXII-148, referindo se à reconstrução da igreja, cita esta inscrição. Diz o seu autor, Henrique Florez, que Sandoval a recebeu mal copiada mas ele a viu melhor na *Crónica dos Cónegos Regulares*, de Fr. Nicolau de Santa Maria, com esta leitura: "Dedicatio Egidii Episcopi in ista Ecclesia tempore Joannis Petri Prioris Era M.CCC.II., VIII. Idus Augusti...". A inscrição, porém, ainda lá está como a reproduzo.

(3) P. M. H. — *Inquisitiones*, I-377/378.

(4) *Santuário Mariano*, de Fr. Agostinho de Santa Maria, IV-238.

(5) Em *A Voz de Melgaço*, secção *Conheçamos a nossa terra*, art. LXXIII, 1-4-1952.

(6) *Colecção dos Negócios de Roma*, III-275.

(7) Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Tomo IV; Parte I-236.

A casa e quinta estão em posse de particulares. Parte do claustro já ruiu.

Há de importante nesta igreja umas relíquias dos Mártires de Marrocos em cuja memória se promove solenidade todos os anos em 16 de janeiro. Estas relíquias são guardadas em um sacrário colocado no altar de Santo António onde a imagem do grande Santo Português se apresenta com hábito branco dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

A igreja foi modernizada no século XVIII e serve de paroquial. O tecto da nave desabou em 1946 e foi reposto em 1947 pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que procedeu a obras de restauro as quais foram inexplicavelmente interrompidas sem acabamento satisfatório.

Para terminar, quero ainda dizer alguma coisa sobre o suposto túmulo de D. Paterna, hipotética fundadora do mosteiro de Paderne.

Diz o Padre Carvalho da Costa que *"Faleceo a Condeça Abbadessa em seis de janeiro de 1140. & foy sepultada em hum arco da parte de fóra da bāda do Euangelho da Capella, que hoje he Sancristia dos Clerigos, aonde se vê sua figura de Conega obrada de meyo relevo sobre o tumulo, & junto de sy na mesma sepultura outro de homem armado com huma espada da mão para o pé: presumimos ser do Conde seu marido, que com ella estará alli enterrado . .*

Pinho Leal transcreveu esta informação e acrescentou: *"Tem uma inscripção que, por gasta, é ilegivel . .*

Em *O Minho Pitoresco* — obra que merece a nossa atenção quanto à época em que foi escrita porque o autor era cá do Minho e percorreu as terras que descreve, — aceitando a tradição, diz-nos José Augusto Vieira que *"em 1140 falleceu a prioreza e foi sepultada na capella-mór, ao lado do Evangelho, tendo em meio relevo a sua figura sobre a tampa do sarcophago. Junto a ella, em meio relevo tambem, está a figura d'um guerreiro, que se suppõe ser o conde Hermenegildo. A inscripção d'este tumulo está illegivel por muito gasta . . (1).*

Guilherme de Oliveira, em *Uma Visita às Ruínas do Real Mosteiro de Fiães* (2), escreveu:

"Em Paderne, distante oito kilómetros de Fiães, existiam no velho mosteiro fundado em 1130 pela condessa de Paderne,

(1) *Minho Pitoresco*, I-34.

(2) Lisboa, 1903. Nota E, pág. 88.

— viuva do conde de Tuy, Hermenegildo — do qual foi primeira prioreza, o seu mausoleu e o de seu marido, que tinham sobrepostas as suas estatuas jacentes.

Achavam-se na capella-mór; ella do lado do Evangelho, e elle do da Epistola.

Pois, ultimamente, caíram as bellas paredes ornamentadas do edificio, e os tumulos atiraram-nos despedaçados para o adro, onde servem de bancos . .

O Snr. Dr. J. Fronteira que em *O Comércio do Porto* tem descrito muitos monumentos da nossa antiguidade sob o título *Património Artístico Nacional* consagrou a Paderne o seu artigo XXVI (1) e nele, a respeito do túmulo de D. Paterna, transcreveu a informação do Padre Carvalho da Costa e a de Guilherme de Oliveira, concluindo que eram duas as arcas funerárias de Paderne para citar a informação do Dr. Manuel Monteiro de que se acham agora no *Museu Municipal do Porto* as duas arcas tumulares (2).

Quanto a mim, os túmulos referidos por Guilherme de Oliveira (3) não correspondem à sepultura descrita pelo Padre Carvalho da Costa, Pinho Leal e José Augusto Vieira. Estes autores falam da tampa com a figura de D. Paterna e de seu marido junto de si. O Padre Carvalho da Costa diz expressamente: *junto de si na mesma sepultura*. Pinho Leal, referindo-se a uma só sepultura, e sem falar em túmulo, diz que *tem uma inscrição*. José Augusto Vieira escreveu mais concretamente: *a inscrição deste túmulo está ilegível por muito gasta*.

Não podendo, pois, aceitar esta identificação, julgo que a tampa

(1) *O Comércio do Porto* de 1-12-1942

(2) Cita o trabalho *S. Pedro de Rates*, pág. 29.

(3) Quando já estava pronto este pequeno estudo, pude visitar as pedras tumulares idas de Paderne para o *Museu Municipal do Porto* que se acha presentemente incorporado no *Museu Nacional Soares dos Reis* em talado no *Palácio das Carrancas*. As duas pedras acham-se na sala de arqueologia, uma a cada lado da porta de entrada, sob os n.ºs 28 e 29. A primeira, que poderia parecer de D. Paterna tem esta indicação: *Proveniente da sepultura de um eclesiástico, no Mosteiro do Salvador de Paderne, concelho de Melgaço*.

As vestes, de eclesiástico, poderiam oferecer dúvida por D. Paterna ser tida como prioreza, mas a cabeça descoberta e cabelo curto indicam-nos ser de pessoa masculina.

A outra tem estoutra indicação: *Proveniente da sepultura do Conde de Tuy, D. Hermenegildo, no Mosteiro de Paderne, concelho de Melgaço, fundado por sua mulher*. Tem encostada a si e segura com ambas as mãos uma espada de ponta para baixo. As vestes não são de guerreiro. A cabeça está descoberta e a cabeleira comprida. Nenhuma das pedras tem inscrições.

do suposto túmulo de D. Paterna a que aludem o Padre Carvalho da Costa, Pinho Leal e José Augusto Vieira, deve ser uma pedra levada nos princípios deste século para o *Museu Etnológico Português* onde ficou ocupando lugar na *Secção Lapidar - Minho*. Estudou-a minuciosamente José Leite de Vasconcelos e da sua descrição extraio o seguinte:

“ Junto da igreja de Paderne, aldeia do concelho de Melgaço, existia ha annos uma notavel pedra lusitano-romana, com uma inscripção e figuras esculpturadas, a qual fazia parte do lagado granitico do adro, e estava pois sendo constantemente profanada e maltratada por quem lhe passava em cima (. . .). Tem de altura 1,^m61; de espessura 0,16; de largura 0,50. É pois uma estela. Com quanto lhe falte já a extremidade superior, pode esta lapide considerar se dividida na superficie anterior em quatro segmentos. (...) O segundo segmento é constituído por um nicho encurvado em cima. Nelle se veem, em baixo relevo, duas toscas figuras, com feições desiguais, de pé, sem nada na cabeça, — uma, a da direita, aparentemente do sexo masculino, vestida de roupaçagem mais curta (simples *tunica*); a outra, a da esquerda, aparentemente do sexo feminino, vestida de roupaçagem que chega até quasi aos pés (*tunica muliebris*); cada uma das figuras tem na mão direita um objecto indecifrável e dá a esquerda à outra figura (1).

O exímio arqueólogo procurou reconstituir a inscripção gasta e indecifrável, e aventou a hipótese de esta pedra ter vindo de um monte relativamente próximo do mosteiro, chamado *Cividade*, antigo *oppidum* romano, onde diz ter encontrado “uma casa redonda do typo já conhecido noutros castros de Entre Douro e Minho, e varios objectos de pedra (esculptura) e restos ceramicos, tudo de origem pre romana, objectos que foram levados para o *Museu Etnológico Português*.”

A ser esta pedra o que se julgava a tampa da sepultura de D. Paterna com a sua figura e a de seu marido, temos mais uma razão para reputar simples lenda a tradição da fundação do mosteiro de Paderne pela condessa viúva.

P. e Manuel A. Bernardo Pintor

(1) “*Estela Sepulcral Arcaica do Alto Minho*”, em *O Archeólogo Português*, vol. XII (1907) pág. 275 e segs.